

*Biblioteca do Museu
Rio de Janeiro
Vol. 1.º S.º 1.º*

ENSAIOS LITTERARIOS

DO

ATHENEU PAULISTANO

DEOS—PATRIA—LIBERDADE

« Shall he alone, whom rational we call,
« Be pleas'd with nothing, if not bless'd with all ? »
POPE.

2.ª Série

Outubro de 1863

N. 11

ANNO XII



S. PAULO

TYPOGRAPHIA LITTERARIA.—RUA DO IMPERADOR N. 12

1863

FUNCCIONARIOS
DO
ATHENEU PAULISTANO

1863—1864

PRESIDENTE HONORARIO

O Exm. Sr. Dr. João da Silva Carrão.

PRESIDENTE EFFECTIVO

O Sr. José Carlos Rodrigues.

VICE-PRESIDENTE

O Sr. Luiz Francisco da Fontoura Lima.

1.º SECRETARIO

O Sr. Candido Luiz Maria de Oliveira.

2.º SECRETARIO

O Sr. Celestino Gomes de Oliveira.

ADJUNCTOS

Os Srs. José Corrêa de Jesus.

.

ORADOR

O Sr. Pedro Fernandes Pereira Corrêa.

THESOUREIRO

O Sr. João Ignacio da Cunha.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Os Srs. :

PRESIDENTE—Luiz Ramos Figueira.

SÉCRETARIO—Francisco de Paula Prestes Pimentel.

Domingos Ramos de Mello Junior.

Antonio José Rodrigues Torres.

José Ferreira de Menezes.

José Joaquim Pessanha Póvoa.

ENSAIOS LITTERARIOS

DO

ATHENEU PAULISTANO

2.^a SÉRIE.

AGOSTO DE 1863

N.º 14.

RELATORIO

do 1.º Secretario do Atheneu Paulistano apresentado na XI sessão
anniversaria da sua fundação

SENHORES.

Nos tempos nebulosos do Paganismo, nesses tempos em que a religião do Crucificado não era ainda sonhada pelos povos da antiga idade, em Delphos, diz-nos a Historia, nessa celebre e rica cidade da Phocida, erigirão seus habitantes um templo sumptuoso em honra de Apollo, o Deus do sol e da luz, por ter esse Deus com suas flechas morto a serpente Python, que, representando indubitavelmente a humidade da terra depois do diluvio e os miasmas pestiferos de seus paúes, Apollo com seus raios os fizera desaparecer; tal era a crença dos tempos mythologicos. Os caminheiros que por aquella cidade passassem, erguendo suas vistas indagadoras para a fachada desse templo, contemplarião extaticos duas simples palavras, que um profundo philosopho, o mais sabio dos homens na phrase da Pythonissa, abi mandára gravar: *Gnoti seauton*, conhece-te a ti mesmo, escreveu Socrates, e os caminheiros, convencidos de quanta verdade encerrava essa maxima, proseguirão, repetindo-a, na sua peregrinação.

Não vos admireis, Srs, que eu fosse tão longe buscar uma grande verdade, quando vejo que neste momento solemne ella tem em mim sua completa realização. E' pois profundamente penetrado da explicação desse distico dos Hellenos, que rodeiado de timidez e acanhamento, companheiros fieis da fraqueza de intelligencia, e da consciencia do pouco merito, eu venho hoje impellido por um rigoroso dever traçar-vos em phrases rusticas, mas verdadeiras, o historico do *Atheneu Paulistano* durante o anno social de 1862 á 1863. E minha vacillação é sobremodo maior, quando vejo que apoz a narração dos nossos bellos dias de 1862, eu terei de descrever-vos a fatalidade, o indifferentismo e a descrença em triplice alliança, juntando seus esforços para fazer desaparecer do

numero de suas irmãs de letras esta Associação, precioso legado da mocidade de outras eras.

Por mais que eu procurasse soffocar o grito terrivel da consciencia, que me bradava: «*mede tuas forças, e confronta-as com a sublimidade de tua missão*» eu via a lei com toda a sua fortaleza, que me mandava cumprir um dever comvosco contrahido. Seja pois a vossa reconhecida generosidade o fanal que me illumine a senda que vou trilhar.

Em duas épocas bem distinctas e de um triste contraste dividirei o meu trabalho. A primeira, que se estende de 15 de Julho de 1862 até o dia 16 de Outubro desse mesmo anno, em que vimos o mundo da realidade arrebatarnos mais de um consocio prestimoso, a segunda á começar a 6 de Maio deste anno até o dia em que nos achamos.

A primeira destas quadras é bella e alegre, como é bello o luar de nosso céu e alegre o trinar das avesinhas sobre as comas de nossas florestas, saudando o rei da criação; a segunda é melancolica e triste, como é melancolico o tocar das Trindades, que nos faz estalar o coração de viva saudade por nossas mãis, por nossos penates, de quem nos separão os páramos invios do immenso oceano, é triste como a ultima lagrima, que silenciosa desliza pela face já lívida e decomposta do agonisante, dizendo no seu stertor o derradeiro adeus á luz, á vida, aos parentes e aos amigos. A primeira destas eras já passou, e unida a um passado tão brilhante ainda aviventa o *Atheneu*; a segunda é o quadro negro da actualidade, que, se algum dia terminar, será porque vosso amor ao estudo, vossa dedicação á esta Associação desarmarão o braço da fatalidade que pretende debalde derrocar o nosso templo até nivelal-o com o solo.

O primeiro facto, que creio dever mencionar-vos, é o do dia em que nossas leis nos chamarão ás urnas em Julho de 1862, e com toda a calma e tranquillidade fizestes com que vossos suffragios recabissem para Presidente no Sr. Silva Costa, cujo merito e dedicação lhe conquistarão uma reeleição; para Vice-Presidente no Sr. Gonsalves Bastos; 1.º Secretario no Sr. José Carlos; 2.º Secretario no socio Fontoura Lima; Adjunctos nos Srs. Urbano e Olympio da Paixão; Orador no Sr. Abreu e Silva; Thesoureiro no Sr. Costa Cruz. Para a Commissão de Redacção forão eleitos *Presidente* o Sr. Franco de Sá, *Secretario* o Sr. Póvoa, e membros os Srs. Ramos Mello, Figueira, Cunha Vasconcellos, Luiz Fortunato e Gonsalves de Carvalho.

Em sessão extraordinaria de 17 de Julho forão empossados os novos funcionarios, e o *Atheneu Paulistano* contava mais um anno de vida, orgulhoso pelo seu passado tão cheio de glorias e o peito cheio de crenças no porvir.

Em sessão de 30 de Julho foi nos lido um officio de data anterior, do Secretario interino do *Instituto Scientifico*, associação que apenas nascida pedia os valiosos soccorros de uma irmã mais velha. Participando-nos sua existencia convidava-nos a que fossemos tomar parte no festejo do dia de sua Installação, que teria lugar á 29 d'esse mesmo mez.

Boatos infindos vagavão pela mocidade academica, propalavão espiritos egoistas, que á sombra da frondosa arvore da sciencia, o *Instituto Scientifico* tinha por alvo não illustrar o espirito, mas preparal-o para as luttas com essa inimiga de nossa confraternisação, com essa politica infrene, que faz até desprender-se os laços estreitos da amizade a mais sincera. O *Atheneu Paulistano* cerrou os ouvidos a essas lendas fantasticas, mostrou quanto era generoso e no dia 29 de Julho elle era representado no *Instituto Scientifico* pelo nosso consocio Gonsalves de Carvalho, talento modesto e sympathico, a quem o nosso prestimoso Presidente o Sr. Silva Costa, apenas sciente do convite, nomeára anteriormente, não tendo podido ir cumprir o seu dever o nosso Orador o Sr. Abreu e Silva.

Em 7 de Agosto convidava-nos o Secretario do *Culto á Sciencia*, que solemnisava no dia 11 de Agosto o anniversario de sua Installação, e ao mesmo tempo uma grande era notavel para a mocidade brasileira, a nossa emancipação litteraria, a fundação dos Cursos Juridicos no Brasil no anno de 1827. Annuindo nós á um convite para tão illustres fins, o nosso consocio Belfort Duarte foi em nome do *Atheneu* depôr nos altares d'aquelle templo uma corôa de odoriferas e mimosas flôres, filhas de sua brilhante imaginação; foi ainda essa vez dignamente substituido o nosso orador o Sr. Abreu e Silva.

Era chegado o grande dia da patria, e o *Atheneu Paulistano* trajando as vestes de gala illuminava o sanctuario de seu templo para, ao som de hymnos festivaes e entre nuvens de incenso e dos perfumes de Sabá, solemnisar devidamente o dia de nossa Emancipação Politica, devida aos desvelos de um Principe tão magnanimo quão vituperado, esse dia em cujo céo, em cujas nuvens, brenhas, rios e mattas se imprimira o dystico—*Independencia ou morte!* E com os auxilios do Conselho Economico, mórmente do Sr. Silva Costa, com os donativos de alguns socios e com uma brilhante Sessão Magna, onde todas as nossas irmãs comparecêrão nas pessoas de seus Oradores distinctos, perante um conspicuo e numeroso auditorio festejamos o dia de nossa Installação e o dia de nossa liberdade.

Na ausencia de nosso Presidente Honorario, dirigio os nossos trabalhos o Sr. Silva Costa, abrindo a sessão com um brilhante discurso, mas que a sua excessiva modestia nos privou do prazer de vê-lo estampado nas paginas de nossa Revista. Orou nessa oc-

casião o nosso Orador o Sr. Abreu e Silva, e qualquer encômio que eu procure tecer a este Senhor, é por si tão fraco quanto é forte e robusta a sua intelligencia. Na Revista de Agosto de 1862 encontraréis esse seu magnifico trabalho, monumento de erudição e profundo estudo.

Foi na sessão magna de 7 de Setembro, que sua voz se fez ouvir pela ultima vez, porque em sessão de 1.º de Outubro pedia o Sr. Abreu e Silva exoneração do cargo, para o qual o tinheis reeleito em Julho d'esse anno. Com bastante magoa annuistes a esse pedido, e escolhestes para seu successor o Sr. Rangel Pestana, moço illustrado e socio prestante, que exerceu esse cargo até Maio de 1863, em que igualmente se demittio.

No dia 8 de Outubro d'esse mesmo anno, o Sr. Silva Costa vendo que se approximava a sua sabida da Faculdade de Direito para, depois de algum descanso, ir redobrar seus esforços afim de conquistar um outro titulo honroso, titulo a que esse mancebo tinha direito pela sua vasta intelligencia e estudo aprofundado da Jurisprudencia antiga e moderna, o Sr. Costa pede demissão do cargo de Presidente d'esta Associação, e para logo um voto de gratidão é pedido quasi unanime para ser collocado, ao lado do nome d'esse Senhor, no livro de nossa historia, por serviços por elle prestados durante o tempo, que estivera em nossas fileiras, e pelo donativo avultado, com que concorreu para a solemnidade do dia 7 de Setembro. Foi eleito para substituil-o o Sr. Quirino dos Santos, moço por vós já bastante conhecido; n'essa mesma sessão é concedida a exoneração ao Sr. Gonçalves Bastos, moço de talento não vulgar e a quem por certo o *Atheneu* deve muita gratidão. Eleito mui dignamente para o cargo de Vice-Presidente pela vaga deixada pelo Sr. Bastos, o Sr. José Carlos, foi eleito para 1.º Secretario o socio Fontoura Lima, passando para a 2.ª Secretaria o Sr. Ramos Mello.

Finalmente, Senhores, em 16 de Outubro de 1862 vimos com saudade separar-se de nosso gremio muitos de nossos consocios, para, concluidos os seus estudos, irem uns na diplomacia pugnar pelos direitos de nossa patria, ainda hoje desconhecidos por tantos bandidos, outros perante os juizes da terra defender a innocencia perseguida, e patentear á humanidade o scelerado, que foragido se occulta, aquelles dirigir os destinos da nação, estes exercer o summo sacerdocio do magisterio. O *Atheneu Paulistano* conferio então o diploma de socios benemeritos aos Drs. Silva Costa, Abreu e Silva e Gonçalves Bastos, e o de honorarios aos Srs. Drs. Americo Lobo, Amaral, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Assis Pacheco, Faria Alvim, Araujo Moreira, Freire da Silva e Pereira Pacheco.

A essa sessão solemne assistirão as Associações, que tinham sido

convidadas, e o *Atheneu Paulistano*, representado pelo nosso consocio Ignacio de Azevedo, disse áquelles socios, que nos deixavão... seu ultimo adeos. E depois fomos descansar para proseguirmos nossa jornada em 1863.

Taes fôrão, Senhores, os factos mais importantes, que se derão durante a primeira das epochas, em que dividí o meu trabalho; comtudo devo mencionar-vos alguns actos n'esse tempo praticados, como o termos conferido o titulo de socio honorario ao Dr. Galvão Bueno, e o de socio correspondente ao intelligente jornalista Juvita Duarte Silva, e a apresentação de duas medidas, uma concernente ao art. 12 dos Estatutos, e outra criando uma disposição para as faltas dos funcionarios da Associação, medidas que convenientemente apresentadas e discutidas fôrão enviadas á Commissão de Redacção.

Se o anno de 1862 surgio bello e risonho para o *Atheneu*, não succedeu assim no anno de 1863; se quando cansados de tanto lutar, com as forças gastas descansamos olhando um céu azul e puro de nuvens, que presagiassem horrivel tormenta, se nos foi horrivel o adormecer, não vendo mais entre nós os companheiros de nossas lides affanosas, de nossas glorias e dias de pezar, mais cruel nos foi o amanhecer, vendo-nos sós na estacada, com as fileiras rareadas, e em luta aberta com o indifferentismo e o desalento. Victima da adversidade, o *Atheneu Paulistano*, sustentado apenas por um pugillo de seus socios arrastra hoje uma existencia mais que precaria, porque tem tradições que o alimentão, e alguns socios que, recordados dellas, não querem nem devem deixal-as perecer.

E quando esta Associação necessitava mais de braços fortes para amparal-a ao sibillar violento do furacão da morte, quando seu templo devia manter se forte e immovel, duas enfermidades terri-veis retiravão para bem longe de nós dois consocios prestimosos o Sr. Ignacio de Azevedo, que não pôde vir continuar seus estudos, e o Sr. Siqueira Filho, que por motivos identicos vio-se obrigado a interrompel-os este anno.

Pelos nossos Estatutos, os trabalhos do *Atheneu* devião começar na primeira quarta-feira depois de aberta a Faculdade, e com grande difficuldade podemos abrir a primeira sessão em 6 de Maio d'este anno, e n'esse dia tres de nossos consocios se despedião do nosso quadro.

No dia 27 de Maio retirárão-se mais dois socios e os Srs. Quirino dos Santos e Rangel resignárão os cargos que occupavão.

Se em tempos mais felizes para o *Atheneu* seria assaz sentido o passo que iamos dar, muito mais sensivel nos foi conceder a demissão pedida por aquelles Senhores, cujos serviços muito honravão á Associação. Procedendo-se á eleição para o cargo de Presidente foi eleito o Sr. José Carlos, e Vice-Presidente pela vaga aberta por aquelle Senhor, foi eleito o Sr. Rodrigues Torres Netto.

Achando-se vagos os lugares de dois membros da Commissão de Redacção pela ausencia do Sr. Franco de Sá, que estuda em Pernambuco e a retirada do Sr. Lopes de Vasconcellos, fôrão eleitos os Srs. Ferreira de Menezes e Paula Ramos, e ficou constituida assim a Commissão de Redacção—Póvoa, *Presidente*—Luiz Fortunato, *Secretario*—e Membros os Srs. Ramos Figueira, Gonçalves de Carvalho, Paula Ramos e Ferreira de Menezes.

Para o cargo de Orador foi eleito o Sr. Pedro Fernandes, que no dia 24 do mez passado se fez ouvir na sessão magna do Ensaio Academico, mostrando em seu bello discurso que o *Atheneu Paulistano*, bem que vivo ainda pelo amor de alguns de seus socios, que lhe erão dedicados, não se esquecêra do grandioso dia de sua cara irmã, enviando-lhe pelos labios do seu Orador um ramalhete de flôres para adornar a sala de seu festim. O primeiro discurso proferido então pelo Sr. Pedro Fernandes por nós já conhecido como Jurisconsulto e Philosopho, crêmos em breve vê-lo figurando em uma das futuras Revistas.

Por proposta do Sr. José Carlos, foi na sessão de 27 de Maio convidado o Sr. José Ferreira de Menezes a dar um parecer sobre o romance—*Dalmo*—do nosso consocio o Bacharel Ramos Figueira. E effectivamente na sessão de 3 de Junho aquelle moço de reconhecida intelligencia e senhor dos arcanos da litteratura, com o bistori da critica, analysou em um luminoso parecer o *Dalmo*, apresentando os defeitos, que por sem duvida havião escapado ao autor, e as bellezas de que se revestia esse romance, e louvando, *mas não exaggerando*, disse a verdade, mas não a desvirtuou.

Uma medida relativa aos dias de sessão, em que por falta de numero esta não pudesse ter logar, foi proposta na sessão de 27 de Maio pelo Sr. José Carlos, e remettida á Commissão de Redacção para depois de ser redigida, ser enviada ao Conselho Economico.

São estes os factos de maior vulto, que decorrêrão na segunda das épocas em que o meu trabalho está dividido, e que eu cri dever mencionar-vos.

Resta fallar-vos das ultimas eleições effectuadas em 9 de Julho e cujo resultado foi o seguinte:

Presidente o Sr. José Carlos (reeleito); *Vice-Presidente* o socio Fontoura Lima; 1.º *Secretario* o Sr. Gonçalves de Carvalho; 2.º *Secretario* o Sr. Candido Luiz; *Adjunctos* os Srs. Léo Vêga e Jesus; *Orador* o Sr. Pedro Fernandes (reeleito); *Thesoureiro* o Sr. Ignacio da Cunha; Commissão de Redacção—*Presidente* o Sr. Ramos Figueira; *Secretario* o Sr. Prestes Pimentel, e *Membros* os Srs. Ramos Mello, Torres, Póvoa e Menezes.

Do pessoal desta Associação dependerá a rehabilitação completa do *Atheneu*. E elle pois confia em todos os funcionarios, mór-

mente no Sr. Presidente, cujo zêlo e amor pelo *Atheneu* não pôdo vos ser extranho.

Passarei agora, Srs., seguindo as pizadas de meu illustre antecessor, a fallar-vos de nossas sessões, que fôrão bem raras devido isso ás circumstancias criticas em que se achava e infelizmente hoje ainda se acha o *Atheneu*. Não foi esta Associação frequentada neste anno como o foi no anno de 1862.

O numero das sessões havidas é tão diminuto, que sinto-me triste em relatal-o; de 15 de Julho até 16 de Outubro houve 8 sessões ordinarias, 3 extraordinarias, 1 sessão magna no dia 7 de Setembro e 1 solemno de encerramento e distribuição de diplomas. Em 1863 só tem havido até o presente 4 sessões ordinarias e 2 extraordinarias.

Fôrão discutidas com toda a paz e tranquillidade, durante o anno social, as seguintes theses propostas pelo Sr. Torres Netto: *O filho da Statulibera é livre ou escravo?* pelo Sr. Silva Costa: *E' a Prescripção de Direito Natural ou de Direito Civil?* pelo Sr. Abreu e Silva: *Qual o fundamento do valor?* pelo Sr. Silva Costa: *Será legitima a pena de morte?* e durante este anno a seguinte do Sr. José Carlos; *Provém utilidade publica do privilegio que a Constituição do Imperio concede aos Principes da Casa Imperial no seu art. 46?*

E' porém tão desanimador o numero de nossos socios, que me será relevado o mencionar, crendo firmemente de que em algum dia findará a crise lenta porque está passando o *Atheneu Paulistano*.

Permitti, Srs., quo agora faça passar diante de vossos olhos o quadro da 1.^a e 2.^a Secretaria, Thesouraria e Commissão de Redacção.

Primeira Secretaria.—Entregue esta repartição ao zêlo paternal e actividade do Sr. José Carlos até o dia 8 de Outubro, época em que fui eleito para exercer semelhante cargo, para a boa administração della empregou o meu antecessor todos os seus esforços e solícitude. Actualmente ressen-te-se esta parte de nossa Associação de muitos defeitos, sobrepujando á todos a ausencia completa de numeros atrasados da Revista dos *Ensaio Litterarios*, a falta de diplomas para socios, já de uma já de outra cathegoria e o desaparecimento de folhetos, papeis e periodicos, que se devião encontrar nessa Repartição.

Os livros pertencentes ás attribuições do 1.^o Secretario se achão bem conservados e na devida ordem.

Continuamos a entreter relações com todas as Associações, que ostentão um character de publicidade em S. Paulo, unida a estas o Club Academico, recentemente fundada, e bem assim com as illustradas Redacções, como vos relatou o meu predecessor.

Fôrão offertadas ao *Atheneu* as seguintes obras: *Uma scena contemporanea*, do Sr. Pereira Guimarães; *Orgulho e modestia*, drama do Sr. M. Ghirlanda; *Tributo de Saudade á memoria do Sr. D. Pedro V*, pelo Sr. José Maria Lisboa; *Eulalia*, romance do Sr. Juvita Duarte Silva, um exemplar de *Theses e Dissertação* do Sr. Dr. Silva Costa, o *Dalmo*, romance do Bacharel Ramos Figueira, e varias Revistas de Associações academicas.

Segunda Secretaria.—O meu antecessor, ao apresentar-vos o seu relatorio no anno transacto foi por demais exaggerado, em dizer que o socio Fontoura Lima merecia vossa gratidão, quando exerceu o cargo de 2.º Secretario. A esse socio succedeu o Sr. Ramos Mello eleito em Outubro de 1862 e se quizerdes avaliar do bom desempenho de seus deveres, abri o livro das actas e ahí vereis uma prova cabal de sua dedicação pelo *Atheneu*. Para esse socio impétro um voto de perpetuo reconhecimento.

Thesouraria.—Para este cargo fôra eleito o Sr. Custodio Cruz, que envidou tudo para a boa gerencia dos cofres da Associação. Pouco pôde conseguir depois, attendendo-se aos incommodos physicos que soffrêra. Em dias de Maio foi eleito para esse cargo o Sr. Moraes, e pelo balanço, a que ultimamente se procedeo, conheceo-se o máo estado de nossos cofres, pois que uma minguada quantia ahí se achava. Hoje que a Thesouraria passa ás mãos do Sr. Ignacio da Cunha estamos certos, de que no exercicio de tão importante quão atarefado encargo aquelle Sr. sanará de prompto esse gravissimo mal.

Commissão de Redacção.—A sabida dos prélos da nossa Revista de Agosto de 1862 só pôde ter lugar em Maio deste anno, e até hoje não foi ainda publicado o primeiro numero d'este anno, não por falta de zêlo da illustre Commissão de Redacção e sim pelo máo estado de nossas finanças.

Concluí o meu trabalho. Estou piamente convicto de que ereis dignos de melhor narração; agradecerei neste momento ao *Atheneu* a confiança que em mim depoz, elegendo-me no dia em que tomei assento, seu 2.º Secretario e ultimamente 1.º Secretario, cargo este para cujo cumprimento a deficiencia e innumeradas lacunas d'este Relatorio bem attestão, que eu não tinha as necessarias habilitações. Restar-me-ha unicamente uma consolação, e é a de ter procurado cumprir meus deveres.

Lembraí-vos, Srs. Socios do *Atheneu* d'aquellas palavras de um poeta latino: *Ut desint vires, tamen laudanda est voluntas.*

Duas palavras mais.

Desnecessario será lembrar-vos, que foi nestes bancos, n'este mesmo lugar, que se illustrárão José Bonifacio, Antonio Carlos, Guanabara e tantos outros. Com a esperanza em *Deus*, ó moci-

dade de quem a *Patria* tudo espera, continuai vossa jornada, guiados por um raio desse fogo divino, que se chama *Liberdade*, por que além da vida ha a gloria, além do presente o futuro, além do mundo ha um Ser, que nos guia. Que a frieza do indifferentismo não gele vossos corações; para longe a vacillação, para longe o espectro do desanimo, que se vos antolha, transmitti aos vindouros tão precioso legado, e entregai-o intacto ao futuro, porque, no dizer de um poeta academico,

« *Se o mar foi tormentoso e o vento rijo,* »
« *Bonança lá terás!* »

S. Paulo, 16 de Julho de 1863.

Luiz Francisco da Fontoura Lima.

HISTORIA ROMANA

PELO

Sr. Dr. C. M. Galvão Bueno

Socio Honorario do « Atheneu »

FUNDAÇÃO DA CIDADE.—PERIODO DA REALEZA

I

O Oriente, a Grecia e Roma são tres elementos de civilisação que se succederam consecutivamente; são tres esforços tentados pela humanidade para o estabelecimento da unidade do genero humano, e Roma, como diz Laurent, representou-os em elevadissima escala. Mas si Roma não realizou a unidade moral, a que aspirava o mundo antigo, poisque essa devia ser realizada por um elemento mais nobre e perfectivel, o Christianismo, ella conseguiu a unidade material pela omnipotencia de suas armas. Roma, é a quadra mais culminante da civilisação pagan, o ultimo alento do polytheismo na lucta travada contra o monotheismo, o ponto de transição entre um mundo que morre e um mundo que começa.

E' por isso que Roma representa, com toda a sua perfeição e defeitos a civilisação antiga. E' a herdeira do Oriente e da Grecia na civilisação da humanidade.

Vejamos pois, qual a origem desta cidade e do povo romano, cujos nomes jámais ficarão no olvido dos seculos.

Para bem se comprehender a historia romana é necessario conhecer-se a natureza physica da Italia e os povos que primitivamente a habitaram.

A peninsula italica se divide em superior, média e inferior.

A Italia superior era habitada por povos de origem gauleza, ligustica e iberica; a Italia inferior, que tambem se chamava Magna Grecia, era habitada por povos hellenicos que para ahi transportaram os costumes e as instituições da Grecia. Elles se conservaram por muito tempo sem ter relações com outros povos da peninsula, por isso não nos occuparemos por ora com elles.

Toda a unidade e vitalidade da Italia, toda a sua originalidade estava concentrada na Italia média: foi d'ahi que partio toda a expansão do elemento romano.

Esta parte da Italia era habitada, desde os tempos mais remotos, por tres povos distinctos—os Etruscos, Latinos, e Sabinos. No ponto central em que se tocavam os territorios destes tres povos surgio Roma, a principio pobre e obscura, mas cujo contacto favorecendo a fusão das tres nacionalidades distinctas, preparou-a para conquistar a Italia pelo Lacio e pela Italia o mundo (1).

Vejamos pois a origem destes tres povos, e primeiramente a dos que habitavam a Italia superior.

II

Segundo H. Martin (2) foram os Gaulezes ou Gaellicos os primeiros homens que habitaram o centro e o O. da Europa.

Esta brilhante raça gauleza que sulcára o mundo antigo em todas as direcções, que imprimira sua passagem nas nomenclaturas geographicas da Europa, que fizera vacillar tantos Estados da antiga idade, esta brilhante raça, dizemos, procedia da familia indo-européa ou japetica cuja primeira habitação parece ter sido a Asia, essa terra santa das primeiras idades.

Deixando a Asia em tempos remotissimos e caminhando sempre em linha recta para os lugares onde o sul se deita, os Gaulezes cobriram todo o O. da Europa desde Erin e Albion até ás regiões continentaes do Danubio e do Rheno.

(1) Michelet—Hist. rom. Intr.

(2) H. Martin—Hist. de France, V. 1. C. 1.

Não era uma raça inteiramente selvagem (3); hoje está averiguado que ao deixar o centro da Asia, os Gaulezes já tinham dado um passo além do estado selvagem, possuindo os primeiros rudimentos da civilisação. Seu estado politico foi primitivamente o de Clan, d'ahi o de tribu—reunião de muitas familias, e d'esta o de nação—reunião de muitas tribus. Mas, sempre a idéa de familia ou Clan se ampliando gradualmente.

Quando a Historia se apoderou da raça gauleza ou gaellica (4), achou-a dividida em grandes grupos de tribus, presos por laços federativos. Entre estes avultava, ou por sua importancia numerica, ou porque dos Gaulezes foram os primeiros, que os Gregos conheceram, a Confederação dos Celtas que, por qualquer das causas mencionadas, deu seu nome á toda raça (5).

O dominio dos Celtas, ao meio dia da Gallia, não attingia comtudo os limites naturaes dos Perineos. Das raizes dos Perineos até ao Garomna, e mesmo além d'este rio, os Gaulezes encontraram uma confederação de povos com quem tinham tenues laços de parentesco. Esta confederação era a vanguarda da raça que, ao passo que os Gaulezes occupavam o centro, se estabeleciam em todo o S. O. da Europa. Seu nome generico não é aquitaneos como os designa a Historia em referencia sómente aos que habitavam as margens do Garomna, mas sim Euskos ou Auskos, derivado da mais antiga de suas tribus; e mesmo sua lingua toma o nome de Euskaria (6).

Havia como dissemos, algum parentesco entre as duas raças que se encontraram nas extremidades occidentaes da Europa, parentesco que se trahia já no physico e já no moral; porém a familia gauleza não tendo soffrido como a euskaria tantas misturas ethnicas prejudiciaes, lhe era sem duvida avantajada.

A lucta era inevitavel entre as duas confederações limitrophes, porém ella travou-se em tempos ant'historicos. Mas a guerra inglória, cujo theatro eram os alcantilados rochedos, as gargantas das serras aonde a raça gauleza encontrava pêas a sua *furia bellicosa* nos pequenos combates de guerrilhas, unicos que lhes offereciam seus inimigos, acabou por desgostar os Celtas, habituados aos combates a peito descoberto, no descampado. Por isso, tendo impellido os euskarios para os intrincheiramentos naturaes das montanhas, elles foram além, procurar proesas mais retumbantes.

Nesta intenção, os Celtas deixam os inimigos nas montanhas e invadem a peninsula iberica.

(3) Am. Thierry—Hist. des Gaulois.

(4) H. Martin—obra cit.

(5) Idem idem.

(6) Idem idem.

Os invasores encontraram empossados do territorio peninsular muitas confederações de povos que tinham a mesma origem e falavam o mesmo idioma que os euskarios Aquitaneos; o seculos depois os historiadores querendo lhes delinear a historia, deram-lhes o nome de Iberios, não designando com isso uma raça, mas sim um nome local, do Ebro, em cujas margens extendiam-se suas confederações. Estes euskarios iberios, em muito menor numero em relação aos invasores, não lhes puderam fazer frente, tanto mais que os Celtas sempre reforçados por novas invasões gaulezas tornavam-se cada vez mais formidaveis. Quasi toda a peninsula ficou sujeita a conquista. A sorte das vencidas foi diversa. Uns de se refugiarem em outros selvagens; outros resistiram tenazmente até obterem dos conquistadores uma transacção cujo resultado foi a formação da população conhecida na Historia, pelo nome de Celtiberios.

Do antigo casamento do genio gaulez com o genio euskario ou iberico nasceo o genio da moderna nação hespanhola (7).

Mas, por um facto singular, a invasão que partíra de S. O. da Gallia para a Hespanha, promoveu uma contra invasão das tribus euskarias no S. E. da Gallia.

Os montanhezes da Betica, os Ligurios, corridos pelos Celtas refluíram a N. E., até o Ebro e mesmo além. Ahi elles encontraram uma nação de origem contestada os Sicanos, que occupava a bacia do Sicano; quer fossem pelasgios, como querem alguns, quer euskarios como pretendem outros, os Sicanos atacados pelos Ligurios, que fugiam aos Celtas, forçam as portas orientaes dos Perineos, expellem as tribus Celtas maritimas, costeiam o littoral do Mediterraneo, e, sempre perseguidas, pelos Ligurios entram na Italia (8). Os Ligurios, achando o littoral varrido pelos Sicanos, se estabelecem ao longo das costas gallo-italicas, desde os Perineos até o Arno, enquanto os Sicanos transpondo os Apeninos estacionão no Valle do Pó.

Na época da invasão dos Sicanos, a Italia superior e parte da central era principalmente habitada pelos Siculos, que se diziam autochtones, mas cujo nome offerecendo a mesma radical que o de Sicanos, faz crêr que estes não são senão uma colonia dos Siculos italianos, tanto mais que apoz a invasão elles se misturaram de tal sorte que a tradição não os pôde mais distinguir (9).

Os Sicanos, porém, não permaneceram por muito tempo pacificos possuidores dos ferteis valles do Pó: a erupção das tribus ibericas no meio dia da Gallia promoveu uma reacção violenta entre as tribus gaulezas do interior.

(7) H. Martin—obr. cit.

(8) Idem idem.

(9) Idem idem.

Deixando os Segurios do posse das lagunas do Golpho Gallico e dos Alpes maritimos, as tribus gaulezas do alto dos Alpes desceram ás planicies da Italia. Esta nova confederação trazia um nome activo, os Ambra, os valentes. Os Sicanos e Siculos lutaram, mas embalde, para sustentar a posse do territorio. N'esta occasião elles lutavam contra dous inimigos: ao N. os Ambra, no centro contra os Oscos; e expulsos pelos primeiros o foram tambem pelos segundos.

Os Ambra vencedores atravessaram a cadêa central dos Apeninos, e invadiram o paiz que mais tarde se chamou Etruria, e cujo littoral já era habitado por tribus pelasgicas, sujeitando assim ao seu dominio metade da Italia, desde os Alpes até o Tibre, Nar e Trento (10)

A dominação dos Ambra (os Ombrios dos Latinos) na Italia superior, não foi contestada pelo espaço de perto de quatro seculos; porém no fim deste tempo um novo povo desceu á Italia, segundo Niebuhr, pelos Alpes Rhecios, os Etruscos ou Thyrreneos, atravessou a Is—Ombria, transpoz os Apeninos e invadio a Vil-Ombria (11).

Estes novos conquistadores tem uma origem bem contestada, mas a sua fusão na nacionalidade romana tem tal importancia que não podemos, tendo tratado da origem dos outros povos da Italia superior, precindir de tratar da deste.

III

A Historia menciona vagamente a existencia de um povo cujo destino parecia estar sobrecarregado pela colera dos Deuses e pelo furor dos homens (12). Os Pelasgos, com effeito, por toda a parte em que appareciam eram sempre perseguidos e expulsos. Expropriados de suas possessões pelo genio turbulento e invasor das racas nomades e guerreiras, olhados com rancor e superstição pelos outros povos elles emigravam da Asia e se espalhavam pela superficie da terra levando comsigo seu genio sedentario, sua religião por vezes barbara e sanguinaria, sua civilisação caracteristica. Os da Asia parece que se foram reconcentrar na grande e populosa cidade commercial de Troia, cuja sorte, como a das outras cidades pelasgicas, era de ser destruida pelo genio opposto dos povos guerreiros e conquistadores.

Expulsos da Asia os Pelasgos passaram á Grecia Barbara. Esta

(10) Am. Tierry. obra cit.

(11) Oll-ombria, Vil-ombria e Is-ombria, divisão que os Ombrios deram ao paiz conquistado; H. Martin obra cit.

(12) Michelet, Hist. rom. Intr. c. 3.º.

emigração, d'onde proveio a primeira quadra da civilização grega extendeu-se por quasi todo o territorio continental e insular (13), e ahí fundou colonias florescentes. Os nomes de Cadmo ou Cadmillo, de Cecrops, de Pelops, Inacho, de Dancao, e de outros, symbolisam diversas invasões ou colonias que transportaram para a Grecia principios de vitalidade e de civilização.

Os pelasgos que iniciaram os Gregos na civilização, que fundaram cidades, que mais tarde se tornaram prestigiosas como Athenas; mas na Grecia, como em toda a parte elles tinham de carregar com o peso do seu máo genio.

Os hellenos fazem erupção na Grecia.

Characterisando-os um genio opposto ao dos pelasgos, os hellenos invadiram o territorio grego conquistando e subjugando as populações subsistentes. D'estas, parte emigrou para as ilhas do Mediterraneo, parte reconcentrou-se na Grecia e parte fundio-se com as populações invasoras. O resultado definitivo d'esta invasão, conquistas e desalojamento de tribus foi que os vencidos iniciaram as incultas bandas dos vencedores nos primeiros rudimentos de civilização, o que os predispoz para um desenvolvimento ulterior, proprio e original.

Os Pelasgos, como dissemos, fugindo a conquista hellenica se estabeleceram nas ilhas do Mediterraneo; ahí fundaram cidades, que mais tarde terão de servir como que de escala ao commercio feito entre seus irmãos etruscos e os da Grecia e Asia-menor; depois elles ganharam a peninsula italica (14).

Os vestigios que restam desta peregrinação induzem-nos a crer que os Pelasgos foram dar origem, ou ao menos sobre-por a camada mais importante do povo etrusco (15).

Todavia, esta opinião não corre sem controversia: querem alguns que os Etruscos decendem directamente dos Pelasgos e que estes ou vieram a Italia emigrando da Grecia, ou vieram directamente da Asia-menor; querem outros, os que sustentam que, anteriormente ao apparecimento das nações brancas a Europa era quasi toda povoada pela raça amarella, que o imperio etrusco seja formado de duas camadas mui distinctas de populações os primitivos habitantes da Europa, e os Rasenas ou Tyrreneos (16).

O que é verdade é que, não obstante ter sido a historia dos Pelasgos cuidadosamente tratada n'estes ultimos tempos por escriptores taes como O. Muller, Niebuhr, Michelet e outros, um denso véo ainda occulta parte das miserias por que passou esta impor-

(13) Voy. du Jume Anacharsis; Altmeyr, Hist. anc.

(14) Niebuhr, Hist. Rom.

(15) Hecren, de la Pol. e du com. etc. vol. 7.^a

(16) Gabineau, Inégalité des Eaces humaines, V. 3, cap. 2. 8.

tante fracção da familia humana. Parece que a colera dos Deoses e dos homens não se limitava sómente a destruir os reinos pelasgos disseminados na Europa e na Asia, ainda queria apagar as tradições que transmittissem á posteridade a historia da origem, dos progressos e da queda d'este grande povo.

Mas, quer a Etruria recebesse em seu seio uma primeira camada de sangue amarello, quer sua população primitiva proceda das emigrações pelasgas o que é verdade é que, embora estas viessem da Grecia ou da Asia, o genio, a indole, a civilização dos Pelasgos se manifestam na sociedade etrusca, com as necessarias modificações de uma sociedade mixta.

O autor que sustenta a primeira opinião, Gobineau (17), em quem é mister reconhecer muita erudição historica; mórmente em questões que dizem respeito á Ethnographia, sustenta que a raça amarella fôra a primeira a povoar quasi todo o continente europeu e que mais tarde, sem poder se determinar positivamente a epocha, foi que os povos asianos vieram disputar-lhe o solo.

Gobineau vê na Etruria duas camadas mui distinctas de população quanto á origem e época do estabelecimento. Com effeito, sustenta elle, muito antes que as populações pelasgicas conquistassem o solo cultivado pelos Rasenas ou Etruscos de primeira camada, a Etruria continha em seu seio um povo quasi inteiramente amarello, ou, se se quizer, uma tribu slava mediocremento branca (18). Gobineau procura provar esta origem dos Rasenas confrontando sua civilização, habitos e costumes com os da raça amarella, e esta confrontação, mister é confessar, redundam em favor da sua opinião.

Só foi mais tarde que as bandas pelasgicas, invadindo o paiz, subjugaram os primeiros habitantes. Estas bandas são os Tyrrhencos que vieram dar um impulso civilizador á população rasena. A lingua dos vencidos predominou, e a conquista não pôde apagar inteiramente as differenças ethnicas que separavam os conquistadores dos conquistados.

Parece que Gabineau tem razão n'este ponto; pela sua erudita demonstração é com effeito indubitavel a presença da raça amarella na Europa anteriormente á apparição das nações brancas.

Admittamos pois com este escriptor que a população primitiva da Etruria era quasi amarella, mas que o sangue pelasgo predominava na sociedade etrusca quando se formou a nacionalidade romana.

Com effeito, numerosas analogias entre as civilizações dos dous povos denunciam esta communidade de origem. O numero 12 symbolico entre os Pelasgos o é tambem entre os Etruscos. A Etruria

(17) V. o § da Intr. das raças humanas.

(18) Gobineau—Obra cit.

estava dividida em doze partes, possuia nas margens do Pó uma confederação de doze cidades, e sobre o Arno outra de igual numero. Os monumentos cyclopicos que attestam a presença dos pelasgos, de encontro aos quaes ia vergar-se a espada e o furor dos guerreiros, existiam com iguaes proporções na Etruria (19).

Collocada entre povos barbaros, a Etruria tinha chegado a um alto gráo de civilisação e de poder; povo commerciante e por necessidade guerreiro, suas esquadras percorriam os mares salvaguardando um commercio activo feito entre as cidades persemeadas pela extensão do Mediterraneo.

Uma analyse minuciosa da civilisação etrusca faz-nos vêr o proximo parentesco que entre ella e a dos Pelasgos existe. O espirito sombrio e melancolico d'este povo, uma como que apprehensão triste d'uma ruina total que estava proxima, não se combina perfeitamente com a crença que tinham os pelasgos de serem perseguidos pelos deoses e pelos homens?

Estas e outras analogias que facilmente se descobrem determinam positivamente a origem do povo etrusco.

Vejamos agora qual a origem dos outros dous povos que concorrerem para a fundação de Roma, os Latinos e Sabinos.

Os povos primitivos da Italia elles mesmos diziam ter nascido da terra, Ops, Opcii, etc., que por contracção e corrupção tornou-se em Oscos (21).

Habitavam primitivamente as montanhas debaixo da denominação generica de Oscos. Guerreiros e barbaros sua vida era a guerra, a invasão, os combates.

Qual a origem, qual a raça productora das populações aborígenas da Italia? O escriptor que citamos, tão versado em questões ethnographicas confessa que são tantas as misturas ethnicas que differenceam as populações italistas, de sorte que é quasi impossivel agrupal-as ao redor de uma ou mais raças designadas (22). Entretanto é inegavel a presença da raça branca quer sejam os gaulezes, celtas, ou outros de identica origem, cujo sangue predomina e dá impulso ás nações mais importantes da Italia aborígena; e isso é inquestionavel quando se examina attentamente os caracteres physicos, os habitos e costumes, a religião dos Oscos e suas ramificações, ou dos outros povos que se diziam autochtones.

Uma opposição manifesta e tendencias pronunciadas separavam estes povos dos da Etruria; sua religião ainda em opposição a complicada mythologia etrusca, consistia principalmente na adoração do

(19) Michelet—Obra cit.

(20) Idem, idem.

(21) Idem, idem.

(22) Gobineau.

Deus Mars, Mors, Mavors ou Marté, que elles symbolisavam n'uma lança cravada na terra.

Houve, comtudo, um tempo em que os Oscos, crescendo consideravelmente em numero, viram-se forçados a uma divisão e parte delles desceu as planicies; estes entraram em contacto mais íntimo com as cidades civilisadas da Etruria.

Parece que esta divisão trouxe a extinção do nome Osco, que foi substituido por denominações especiaes. Os das montanhas fóram então conhecidos pelo nome de Sabellicos, e os das planicies formaram duas grandes confederações a dos Latinos e a dos Sabinos.

O contacto destes povos com as populações pacificas dos etruscos trouxe em resultado a modificação do caracter dos barbaros. Com effeito, enquanto os Sabellicos das montanhas ainda continuavam em sua vida e habitos primitivos, os Oscos das planicies foram aos poucos esquecendo os seus, e se separando assim gradualmente dos seus irmãos das montanhas. Elles começaram a fundar cidades como Alba-Longa, capital do Lacio.

Eis aqui os povos que concorreram para a formação de Roma.

Repitamos: no ponto central em que se tocavam os territorios destes tres povos surgiu Roma resultado da fuzão dos Etruscos, Latinos e Sabinos; cidade pobre e obscura a principio, mas cujo destino era conquistar a Italia pelo Lacio e pela Italia o mundo.

(Continúa.)

POESIAS

A Polonia

(No album do meu amigo Victor Murillo)

Foi-te ingrata a fortuna, cahiste,
Mas a queda de um povo tem fim!
(MENDES LEAL JUNIOR.)

I

Porque, meu Deus, os louros da victoria
Não ornam desde já essa bandeira,
Que em vão querem erguer os patriotas
Da sua escravidão sobre os destrócos?

Ella jámais tremulará ovante,
 Cheia de brilho em céos de liberdade?
 Oh! quando a luz surgir, que os reis soberbos
 Fulminou de terror e deu aos povos
 Sagradas esperanças, n'esse tempo,
 Em que da França a voz bradava ao mundo
 Que da democracia a lei sublime
 Só devia imperar,—vergonha immensa!
 D'envilecidas côrtes o projecto
 Sobre a pobre nação s'executava,
 Que não pôde lutar infortunosa
 Contra a infamia e a anarchia conjuradas!
 Oh! Polonia duro cadafalso
 Foi ante o mundo inteiro commovido,
 Algoz o Russo e martyr o Palaco!
 Deus! esqueceste-a assim no soffrimento,
 Forjaram-se as cadeias, que a comprimem,
 A iniquidade completou su'obra,
 Domina ainda—tremula de raiva,
 Pois ás vezes a victima alevanta
 Cheia de dôr o collo macerado,
 Tão puro e bello, e tenta um vão esforço
 E recae abatida,—e tu consentes
 Que a iniquidade reine ainda impune!
 Deixa, Senhor, que fogo sacrosanto
 Da mão do crime extinga os impios feitos!

II

Malditos! pensam que a espada
 Poderá desassombrada
 Ferir da justiça as leis!
 Um dia brame a tormenta,
 Desfaz-se a obra sanguenta,
 O martyr s'ergue outra vez!

Póde a sanha moscovita
 Sobre a nação, que palpita
 De dôr e odio, cahir:
 D'essa terra a liberdade
 O amôr e fidelidade
 Oh! jámais ha de extinguir!

Toda a Europa delibera,
 Em tanto combate a féra
 Que está prestes a vencer!
 Oh! salvem o nobre povo,
 Que s'alevanta de novo,
 E quer ser livre ou morrer!

Polônia! embora a victoria
 Corôe a potencia inglória,
 Que te persegue sem dó,
 Não desesperes! te elevas,
 Emquanto o imigo nas trevas
 Roja da infamia no pó!

A estrada longa, sombria
 Da Siberia triste, fria,
 Ao teu Calvario conduz!
 Não a temas! no passado
 Ao supplicio ensanguentado
 Tambem levaram Jesus!

A Grecia foi desditosa,
 A Italia foi como a rosa
 Pisada sem compaixão!
 Eil-as ambas libertadas!
 Tuas bandeiras sagradas
 Cahidas não ficarão!

No teu horizonte escuro
 Ha de um dia assomar puro
 Astro lucido a fulgir!
 Então as hostes malditas,
 As phalanges moscovitas
 Hão de pavidas fugir!

Salve, nação malfadada,
 Na cruz de martyr pregada,
 Arfando cheia de dôr!
 Nação que tens por emblema
 O d'espinhos diadema
 Da frente do Salvador! (1)

S. Paulo—Setembro de 1863.

D.

(1) Este pensamento não é meu : encontrei-o em uma proclamação polaca de 1862.

A

Tu foste o iris—que dourou-me a vida,
Flôr encantada, que entrevi um dia,
Tu foste o anjo que divino e casto
Nos meus scismares—virginal sorria.

Tu foste a gotta maviosa e pura,
Que em minha aurora derramou esp'rança
Irmã das fadas que avivou meu seio
Nos langues vãos da mimosa trança.

Vi-te nos sonhos do primeiro amor,
Quando a alma em febre suspirava callida....
Por ti, oh virgem, concebi futuro
No mago enleio de esperança pallida.

Por ti ornei o meu porvir de flôres
No louco anelo de minh'alma ardente;
E em lindas fimbrias de suaves crenças
Vagou sonhando embevecida a mente.

Nos meus delirios alvejava limpida
A imagem tua n'um divino encanto;
E em meus pezares uma sombra amiga
Vinha das faces me apagar o pranto....

.

Oh ! minha amante, ao viajor sequioso
Deixa em teu seio descansar febril.
Deixa o passado recordar comtigo
A' sombra meiga deste céu de anil.

S. Paulo, 23 de Setembro de 1863.

C. L. M. O.